

Entrevista Mãe Meninazinha

M: Não era aqui não, era na Marambaia perto de Tinguá.

E: Ainda é Nova Iguaçu?

M: Não é Nova Iguaçu, Marambaia, Nova Iguaçu.

E: Na época lá a casa como é que era?

M: Era de palha...

E: E tem foto?

M: Tem aí. Era de palha, chão batido (mostra as fotos).

E: E lá vocês trabalharam nele muitos anos?

M: Cinco anos. Fiquei lá cinco anos.

E: Isso já era 68?

M: Não. A inauguração foi em 68, por que era casa. Aí nós viemos pra cá final de 72, comecinho de 73. E estamos aqui até quando Deus quiser.

E: Mas eu já vi que está tudo tão organizado, tão bonito. É bom que seja por muito tempo né? (rs) A senhora é nascida aqui no Rio?

M: No Rio de Janeiro, no bairro de Ramos.

E: Pode dar sua data de nascimento?

M: Com certeza!(rs) Eu nasci a dezoito de Agosto de 1937. Este ano faço 70 anos por que Deus quer.

E: Mesmo? Mas não parece mesmo!

M: 70 anos [...] No meu aniversário tem que ter bolo, eu sou igual criança (rs). [...]

E: A senhora tem Idéia de quantos filhos de santo tem?

M: Meus filhos de santo deve ser uns 150.

E: Aqui e casa de Keto mais qual é a Raiz?

M: Engenho Velho, Opô Afonjá e Gantois. Do Procópio do Opô Afonjá, por que a minha avó foi iniciada por ele no dia 24 de Julho de 1910.

E: A sua avó carnal?

M: A minha avó carnal Davina Maria Pereira. A minha história é uma história Ela veio para o Rio de Janeiro e a casa de Candomblé que existia na época era seu João Alaba e [...] e ela freqüentava essas casas e participava. Então o seu João Alaba era de Olubaiê, quando a casa dele acabou ele faleceu, as suas filhas de santo foram tudo pra Mesquita pra casa de dona mãe Isaura Alzira de Santana, que era tia pequena. Ela era Ialorixá lá de Mesquita e era casa de candomblé de roça. O esposo dela era Vicente Bancolê, era de

xangô e era africano. E minha avó era mãe pequena da casa. [...] Seu Procópio também freqüentava a casa de seu João Alaba

E: Ele era africano mesmo? De Angola?

M: Não da Nigéria. A minha avó era Iakekerê da casa e foram todos, o orixá inclusive do seu João Alabá, foi pra Mesquita. Então nós temos estes dois axé. De seu Procópio e de seu João Alaba, por que seu Procópio também freqüentava a casa de seu João Alaba. Então o axé de Procópio que foi minha avó que fez e o outro que foi pra Mesquita. Quando a tia pequena de Oxalufan faleceu, minha avó tinha como Ialorixá.

E: Ela ficou dando continuidade?

M: Isso, do seu João Alaba, das filhas, das abians que vieram da casa de seu João Alabá pra Mesquita, quer dizer deu uma continuidade a casa de Seu João Alaba, só que em Mesquita. E esse axé que continua até hoje e vai continuar por muito tempo.

E: Isso é muito bonito por que é esse enredo de início que dá entendimento pra hoje. Por que cada casa tem a sua história pessoal, tem a história das pessoas que surgem no terreiro. E isso é muito bonito. Vocês fazem festa de calendário quantas vezes no ano?

M: É de Abril, bom de Janeiro né. Por que em Janeiro eu abro a casa com Exu. Mas esse foi em Fevereiro, sábado eu dou comida a exu, no domingo é o presente nas águas e depois só em abril, no último sábado de abril que é Oxossi. No último sábado de maio é a festa do oxum. Último sábado de junho é xangô. De julho é Olubajé e agosto o último sábado também é Yansã que é da minha irmã. Setembro é oxalá, e tem no último sábado de novembro são as yabás.

E: E dezembro faz alguma coisa?

M: É uma obrigação pra fazer.

E: E tem muitos cargos na casa?

M: Cargos são de Orixá e Babalorixá, os outros eu conheço como posto. Posto de Iabassé, tem o posto de Ya Oluê ou Yalossãim é a que tira a folha, Ya Efun, Ya Egbé, Ya Tebexê, Iakekerê.

E: Esses cargos tem pessoas que são Equede e tem pessoas que são rodantes?

M: Tem.

E: e a parte de Ogans? Os cargos masculinos são todos correspondentes a esse?

M: Não, tem o axogum, tem o [sic], tem o assobá, tem otum ossi.

E: Tem mais algum outro que a senhora lembre?

M: Ter tem, mais eu não estou lembrando.

E: e tem muitas Equedes na casa?

M: Tem, mas eu não tenho idéia do número minha filha. Numa pesquisa que andaram fazendo tinham 48 Ogans.

E: Nossa que maravilha!

M: É. Mais um já se afastou, foi por outros caminhos. As Equedes também são muitas, são umas 30 Equedes.

E: Vocês promovem muitos cursos aqui dentro?

M: Já fizemos um com apoio da Petrobrás, já teve pela Comunidade Solidária, que é a Dona Ruth Cardoso. E agora nós estamos fazendo esses dois cursos com apoio de uma ONG Crioula.

E: Quais são os cursos que tem aqui?

M: Culinária e Artesanato.

E: E costuma vir muita gente?

M: Vem. Tem muitos Alunos.

E: É de graça?

M: É. [...] Eles não tem como pagar e comprar o material. A gente pede o apoio e compra o material e vem só com a vontade de aprender.

E: Isso ajuda muito!

M: Ah, ajuda. O outro curso, que foi apoiado pela Ruth, foi um curso mais extenso de artesanato, de culinária, de marcenaria e de ... obra, eu me lembro depois.

E: Esses cursos tem alguma associação aqui ou é direto pelo terreiro?

M: É pelo terreiro.

E: Vocês não tem associação nenhuma? Porque a maior parte dos terreiros antigos com quem a gente tem falado, eles criaram uma associação até mesmo pra ter um melhor contato pra promover cursos.

M: A associação somos nós mesmos. [...] Aqui tem a minha sobrinha, que ela que coordena. Ela procura, ela vai entra em contato.

M: falando sobre a importância do trabalho de resgate da história do Candomblé. [...] É muito importante esse trabalho porque eu acho que o Candomblé está num estágio muito bom, mas antigamente era pior. A Beata deve ter dito, o Candomblé chegou em Brasília, chega toda hora, não só eu e ela, mas eu Nitinha mais duas Ialorixás nós fomos ainda com um neto de ogum, que era ministro e nos recebeu.

E: Quando que no passado tinha esse respeito?

M: Nunca. Isso foi um presente de Iemanjá. Nunca fui de qualquer forma [...] mais é um presente de Iemanjá que só existia na Bahia.

E: Já virou um marco aqui pro Rio de Janeiro né?

M: Já virou um marco. Isso é vitória! Gente eu não canso de falar, já saiu reportagem em jornal, em revista. Eu vou falar sempre: Lula pode não ter sido um bom presidente [...] mas uma coisa que Lula fez e nenhum dos outros fizeram foi reconhecer o Candomblé como religião. Pra mim ele é mil! Não é só isso que ele tinha que fazer, mas isso ele fez, que outros não fizeram. Reconhecer o Candomblé como religião. Ele chamou, convidou o evangélico, convidou outro e outro e a Ialorixá, ela não chegou lá, mas eu não quero saber! Ela foi na posse, ela disse que foi. Mas não quero saber, foi convidada uma Ialorixá. Então foi aí um reconhecimento da religião como religião. [...] Eu. Estou dizendo Eu, porque fui representar o Candomblé. Foi o Candomblé que foi apoiado com um CD que teve apoio do Museu Nacional e da Petrobrás. E nós fomos lançar, o primeiro lançamento foi aqui e o segundo foi dentro do Museu Nacional. Teve o Candomblé, levamos os atabaques e muitas filhas de santo, nas escadarias do Museu

Nacional. Mas uma vitória do Candomblé [...] continua falando sobre o preconceito ao Candomblé no Brasil e na África.

Oxossi já não flutua mais na África, os protestantes que invadiram, onde cultua Oxossi é no Brasil.

E: Ainda se tenta preservar conhecimentos que até eles perderam né? O Candomblé está mais preservado aqui que na África

M: Está mais preservado que lá, com algumas poucas modificações, mas está mais preservado que lá.

E: E a senhora tem alguma história que gostaria de contar? Algum fato que tenha ocorrido, por exemplo a senhora é chamada de Meninazinha porque?

M: Esse apelido é que quando eu nasci era tão pequenininha que minha mãe dizia que eu cabia quase numa caixa de sapato. Como as pessoas tem essa coisa de visitar e levar talco, sabonete. Uma dessas pessoas foi visitar e, a minha mãe chamava Maria e chamavam Mariazinha, “mas que meninazinha” então ficou sendo meninazinha. Uma vizinha me deu esse apelido e ficou, e eu adoro meninazinha. [...] e agora com a evolução, como eu disse, a nossa casa em Mesquita que foi o primeiro candomblé de Roça, a casa também era muito humilde, não era coberta de palha, mas era de chão batido. Um quintal grande tinha muita laranjeira, tinha muita plantação de banana, essas coisas de antigamente, milho e... Do tempo do pai de santo, mãe de santo da minha avó, por que isso também é cultura. Sabe como é que eles faziam? Eles chamavam de [cera] era bosta de boi, tinham poucas casas, nós crianças saíamos pegando bosta de boi, tinha uma baciona grande e despejava tudo ali dentro e botava água e as crianças ficavam pisando. Depois botava num balde e jogava pelo chão. Depois colocava num balde mais largo e botava o pé ali dentro, no barracão que era de chão batido, de manhã pra festa de logo mais, de manhã ou à tarde. Ficava tudo verdinho, aí vinha um adulto com umas vassouras de folha e vinha tirando assim por cima pra tirar o excesso, que você deixava naquele chão de roupa branca e você não se sujava. Na Marambaia quando nós começamos nós fazíamos assim. [...] E lá era carboreto, não tinha luz pra todo mundo então era carboreto [...] eu não sei como era o processo, sei que botava dentro de um balde de água, mas nós não podíamos chegar perto, “saí pra lá criança” e queimava, quando botava o carboreto dentro d’água parece que ficava fervendo [...]

A minha história de Ialorixá eu tenho muito prazer em contar. Eu fui eleita Ialorixá no ventre da minha mãe, eu sou caçula de 15 filhos, minha mãe teve 15 filhos e minha avó teve quatorze. [...] e a gravidez foi muito difícil e ela achava que ia perder a criança, só que os orixás diziam que não, que ela não ia perder. E o Omolu da minha avó veio em uma certa festa e disse que ela tivesse tranquilidade que ela não ia perder por que ele precisava dessa criança. Olha gente isso não existe, eu é que preciso dele, pois ele disse pra minha mãe e eu é que precisava dele. E oxum de um lado disse que a filha era dela, graças a Deus correu tudo e daí dá para você ver que eu já nasci dentro do Candomblé. [...]

A minha vida é o amor que eu tenho pela religião. Em criança, em Mesquita, eu tive ensinamentos sem saber que estava tendo ensinamentos, está entendendo? Por que eles todos sabiam que eu seria Ialorixá. E tinha muitas meninas lá, feitas de santo, e **Obi**, **Orobo**, essas coisas que na época não tinha muito folhas, vinham da África pra lá direto. Contas... O pai de santo como eu já disse ele era africano, ele ainda tinha família lá e eles mandavam, mandavam pelo vapor, como eles diziam antigamente, pelo navio e eles iam lá no cais pegar [...] trazia até a central e de lá botava no trem. Olha quanto sacrifício! Do trem saltava em Mesquita e já tinha uma carroça esperando pra levar. E

eu, não era eu só como escolhida, ele escolheu sem falar nada. Railda, já ouviu falar numa mãe de santo Railda que tem em Brasília? Eu acho que é o único Candomblé... ela fez santo aqui no Rio no Opô Afonjá, e foi pra Brasília e abriu casa em Goiás mesmo que é tudo pertinho, e ela tem uma casa, uma chácara. E era eu e a Railda que éramos criança que separa as folhas, aquelas contas, aqueles axés por que era tudo axé mesmo. E trocava e costurava algumas coisas. E cantando reza, e rezando. [...] Eu e Railda tinha que botar a mão e não é acaso por que de lá saiu pro, fez santo no Opô Afonjá, mas de qualquer forma ela começou lá em Mesquita, as duas Ialorixás, então não foi por acaso as duas meninas.

E: O encontro não foi a toa nè?

M: Não. Eles sabiam como preparavam as pessoas, sabiam como preparar as crianças.

E: Eu acho que tudo tem uma história, tem um por que.

M: Tem um por que claro! Não foi a toa, ele estava passando pra gente. E criança presta atenção, e serviu de muito proveito pra mim e pra Railda também.

E: Ele já estava iniciando vocês.

M: Já estava iniciando a gente [...] Entendeu? E foi assim. No início muita coisa boa, só coisas boas aconteceram naquela época, muita coisa de orixá. Lá em casa freqüentava uma senhora, uma negra linda, linda, linda. Ela era prostituta, mas em mesquita, na sua casa ela era uma dama, não tinha nada a ver com aquilo. Aí ela chegou lá uma vez, ela estava fugindo do homem que explorava né. Estava tendo uma festa e aí o Orixá Obá veio pegou o copo d'água foi lá na cozinha onde ela estava e andou na cozinha toda, tinha ela e umas pessoas, muito bonita, aí ela chegou no portão e jogou a água com copo e tudo. Aí não falou nada né, quando foi no dia seguinte, um dia depois o homem bateu lá, era Vataclan o nome dela de guerra, aí ele disse “ela ta aí?”. “Ela está aqui e o senhor não vai fazer nada com ela”. “Mas se eu chegasse aqui ontem eu faria, mas eu não sei o que aconteceu que a noite estava bonita, mas derrepente caiu um temporal que eu não pude sair de casa. O Copo D'água que Obá jogou fora. [...]

M: Essa senhora de Oba ela fez santo no Gantois, mas o povo do Gantois, Engenho Velho, Ôpo Afonjá freqüentava muito lá em Mesquita, por que a casa não era única a casa que existia. Lá era Ôpo Afonjá, Tia Gripina, Tia Dila, e todo mundo se uniam. As pessoas, mãe Vida, ficava dias lá em Mesquita. Naquela época despachava o santo, as pessoas ficavam com Erê. Derrepente tinha uma ou duas que ficavam com o Erê pra ajudar a casa. Aí tinha um garoto que ele era alérgico, ele tinha uma bronquite alérgica que ele ia pro hospital e só faltava morrer. Estava lá com as tias e tal, derrepente uma menina que já era feita “uma cobra, uma cobra, uma cobra”. Mataram a tal da cobra. Aí o Erê de Oba estava dormindo. Acordou e chamou a minha avó e disse que abrisse a cobra que dentro da cobra tinha um pulador, e dentro daquele pulador tinha um negocinho branco, e era pra tirar aquele negocinho branco e fazer um breve pra botar naquele menino que tinha a asma pra ele usar. Abriram a cobra e tinha o bicho, abriram o bicho tinha o tal negocinho branco fizeram o breve e ele nunca mais teve nada. [...]